

CRISTIANO MASCARO

textos críticos

A Universalidade do Interior

Ignácio de Loyola Brandão
2000

Ou um conto em cada foto. Tudo ainda está calmo. O garçom atravessa a cena que dentro em pouco estará lotada. A avó carrega o neto e dá uma inspecionada. Mas o grande momento da foto é a menina que se inclina sobre a mesa, fascinada pelos doces. Hipnotizada pela antecipação das delícias que a bandeja oferece. Mascaro é fotógrafo de atmosferas. Narra com simplicidade. Não se deixe enganar, olhe duas vezes e sentirá que as coisas se modificam. Ele secciona a realidade e extrai pequenos e grandes momentos. Nesse revelar desvenda a alma paulista. O que interessa é o homem, mesmo quando ele está ausente da foto. O que pensa esse garoto que, intrigado, contempla a própria sombra na areia? O sol atravessa o manto e as asas diáfanas de uma borboleta ou mariposa que desfila na Parada Gay conferindo a sensação de suprema felicidade. Mistério: o que conversam, que trocas fazem as duas mulheres de saia preta e blusa branca encostadas a uma parede?

O posto vazio, à noite, com luzes fantasmagóricas, lembra um quadro de Gregório Gruber. Os pintores no alto do muro podem estar preparando uma pintura de Mondrian. O homem que estende os braços, preparando-se para defender o chute na solidão de um campo de várzea, poderia ter sido inspirado no romance de Peter Handke, *O medo do goleiro diante do pênalti*. Os dois cavaleiros na linha do horizonte, acompanhados pelo cachorro, nos remetem a Kurosawa ou a Gabriel Figueroa, o lendário fotógrafo mexicano. Conjuntos residenciais, uniformes, monótonos, nos colocam dentro de *Central do Brasil*, o filme de Walter Salles. Se eu quisesse, traria uma ou vinte associações para cada foto de Cristiano Mascaro. Para mostrar sua universalidade quando nos traz imagens que definam São Paulo, o homem paulista. Cada foto tem potencial para ser um conto. Elas são sugestivas. Idéias rolam. O motociclista que atravessa a rotatória torna-se ficção: um homem não consegue sair da estrada e gira interminavelmente, até enlouquecer. O jovem bebe cerveja e espera a chegada daqueles que vão assassiná-lo? Mas esse é 14 um conto de Hemingway (*Os assassinos*) e um filme clássico com Burt Lancaster. O rapaz de boné vê sua mão acariciada por um rapaz de camiseta preta. Amor? Ou comprador e vendedor num mercado alternativo? Quantas versões uma imagem produz em nossa mente? O fotógrafo registra o que vemos? A fotografia é obra aberta, interminável. Jogo de ilusão. O que parece ser, não é. O que não é, é. O que é, não é. Artimanhas do artista para com seu público.

Interior de São Paulo. Interior do mundo. O que marca um paulista? O que caracteriza o interior? Somos iguais, sendo diferentes. Somos universais, sendo interioranos. Globalização. Rodovias interioranas ou californianas. A praia pode ser o Lido de Veneza. As fotos desvendam solidões, esperanças, espaços vazios e tensos, alegrias simples, explosões (a torcida corintiana).

O que me impressiona são os olhares. Ainda que não se vejam os olhos, nós sentimos, intuímos, tão forte é o clima. A bilheteira do parque de diversões vazio pensa no quê? No amado, nas contas a pagar, na esperança de mais público na próxima cidade? O mesmo olhar está na negra encostada à janela de um barco que atravessa as águas. O que contempla o caboclo de camisa estampada e chapéu surrado no botequim. Ou o senhor sentado numa cama, num cômodo despojado que tanto pode ser hotel de viajantes quanto asilo. O fumante com o rosto envolto nas espirais de fumaça desfruta apenas do prazer de uma tragada que enche o peito? Peões contemplam os céus ou fecham os olhos, buscando coragem. Tão concentrado na oração quanto o peão está o fiel que se protege da chuva com uma capa plástica descartável. Assim como se mostram cheias de devoção as mulheres que acabaram de acender velas, invocando poderes sobrenaturais. Centenas de ônibus conduziram os peregrinos a Aparecida. Fé nada tem a ver com educação, o chão do estacionamento é imundo. O serralheiro tem o olhar desafiador, enquanto numa rodoviária há ansiedade no rosto da mulher com camiseta estampada Catch. Num terminal, o que o pai explica ao filho? O garoto tem o olhar encantado, abismado; a mulher atrás está desconfiada. O que procura aquele homem num matagal em que as hastes estão embaralhadas como novelo de linho mexido por um gato? O gordo espera o engraxate? Já engraxou e quer o troco? Ou sentou-se para descansar? Concentrado no seu ofício está o fabricante de violões. Preocupado com o som perfeito que deve produzir? O tatuador enfia agulhas, enquanto o cliente exprime dor, admiração, expectativa. Escolheu certo o motivo? Certa é a diversão que o macaco na jaula proporciona aos garotos. O avô gordo brinca com a neta, não convencido dos deveres afetuosos. Alguma 15 coisa muito forte desviou, subitamente, a atenção dos jogadores de pebolim. Puro prazer está no rosto do menino cujo balanço o conduz alto, mais alto. O veterinário (ou o dono?) mostra-se preocupado com o animal prostrado num chão de cimento cru.

2

Na platéia do Teatro Municipal de São Paulo a senhora passa o fio dental nos dentes; atitude insólita no intervalo de um concerto. Em outra foto, batida em um restaurante popular – ou seria uma festa? –, outra mulher tem um gesto idêntico, levando comida à boca. A semelhança na colocação das mãos é espantosa, as cenas dão a impressão de ter sido produzidas e no entanto foram feitas em locais diferentes, distantes. Num mercado, a vendedora emerge das frutas, pinhas, melões, ameixas, uvas, pêssegos. Imobilizada, como se estivesse sitiada. Num terreno acima do mar, o casal parou a bicicleta e, indeciso, contempla caminhos. Vejo uma história. Os dois decidem seu destino, sua vida, a relação. Estão iniciando ou terminando? A todo momento, Cristiano Mascaro propõe a nossa participação. Um funcionário delimita com cal a grande área e a meia-lua de um campo de futebol. A cal é suave nuvem branca pairando sobre o sulco que será pisoteado pelos jogadores. Engalanase o campo para o final de campeonato? A estrada brilha como prata; para onde vai? Duas meninas curiosas tentam entreolhar por uma porta entreaberta. Alguma coisa alegre vai acontecer do outro lado e elas participarão. Apenas querem entrar antes.

O que não há aqui são peões corcoveando no lombo de um boi bravo. Nem quermesses. Não há coretos ou footings, churrascos ou bailes de debutantes, shows em conchas acústicas ou procissões, festas de casamento, gente de botas ou chapelões, moças em vestidos de chita, não há festas juninas nem shopping centers, não há mansões de ricos emergentes, não há caipiras acocorados, não há bordéis e cabarés com dançarinos de bolero nem locomotivas enferrujando em pátios abandonados, não há carroceiros nem charretes, nem o Edifício Copan e a Avenida Paulista inexistem, assim

como o Ibirapuera. Não há clichês, estereótipos, lugares-comuns sobre São Paulo e o interior. Não há o visto nem o repetido. Nem por um momento se pensa no déjà vu. Porque não se viu, se está vendo. Não há “grandezas” prefabricadas nem ufanismos. O que se vê é visão única, a partir da qual se pode repensar a maneira de capturar as coisas, olhar para um estado e seu povo e definir o que é ser paulista. Painel que devassa. A câmera varreu amorosamente a terra e a gente. Mais do que um documentário sobre o interior, este é um livro sobre mistérios, buscas, curiosidades, momentos de fraqueza ou certeza, solidão, festas, exaltação, domingos, feriados, vazios, bucolismo, camuflagens, tranquilidade. Sobre a universalidade.

www.cristianomascaro.com.br